

## C.I.M.I NORTE II

|                   |
|-------------------|
| CEDI - P. I. B.   |
| DATA 31, 12, 1986 |
| COD. J1D00032     |

# *APRENDER ENSINANDO*

(Uma experiência de educação entre os índios)

BELEM, 1983.

## APRESENTAÇÃO

Nestes últimos cinco anos os missionários do CIMI N.II vem se aprofundando no assunto de educação indígena, isto é, o processo educativo inerente em cada povo indígena e educação para o indígena, isto é, o processo educativo oferecido ao índio por intervenções externas. Estamos fazendo um esforço sincero de definir nosso papel no processo educativo e executá-lo de modo mais proveitoso para nossos irmãos índios.

Para tanto, lemos e estudamos continuamente, (Veja bibliografia anexa). Convivemos com as comunidades indígenas tentando nos encarnar na sua realidade. Nos encontramos para refletir sobre nossa caminhada. Experimentamos novas atividades e tornamos refletir em cima delas numa dinâmica de ação-reflexão.

Em 1978 eramos poucos. Num encontro sobre Evangelização percebemos a necessidade de nos aprofundar no assunto educação. Passamos um ano lendo e estudando o tema em vários aspectos e ao mesmo tempo pesquisando o processo educativo nas aldeias onde convivemos. No fim do ano, novembro 1979, nos juntamos para uma semana de troca de experiências e idéias e planejamento de como levar este trabalho a frente. Isto gerou estudos linguísticos em nosso regional junto com MA-GO em maio de 1980, junho 1981 e fevereiro 1983, além da participação de novos missionários nos cursos promovidos em outros regionais. Cursos ou encontros de monitores e professores indígenas foram realizados em 1980 e 1982 nos Munduruku, em 1982 e 1983 nos Karipuna e Galibi. Cursos ou encontros para voluntários a professores na mesma área indígena em 1982 e 1983.

Estes não são fatos estáticos e isolados. Refletem alguns pontos de um processo contínuo e dinâmico. Nestes anos trocamos idéias e materiais com colegas de todo Brasil, especialmente MA, GO, e MT, de Peru, Guiné Bissau e América do Norte. Estes anos tem sido tão ricos para nós que, no estilo indígena, queremos compartilhá-los. O processo continua. Nosso número aumentou, graças a Deus. Este resumo serve para os que iniciaram conosco e pegaram outros rumos, ver como seguiu. Para os que se juntaram mais recentemente, ver como começou.

Seria difícil, se não impossível, descrever adequadamente toda a beleza, toda a alegria, toda a dificuldade e frustração, todo o amor e amizade, todas as conquistas que esta caminhada representa para nós e para os índios com que trabalhamos. Mas está aqui o nosso esforço de colocar em comum as nossas experiências.

***CAPÍTULO PRIMEIRO***

**DUAS SOCIEDADES...**

**DUAS EDUCAÇÃOES**

## EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE INDÍGENA

A partir de nossas observações e experiências constatamos os seguintes pontos, como constantes globais na educação indígena:

### 1. EDUCAÇÃO COMPLETA DENTRO DA ORGANIZAÇÃO TRIBAL

Desde pequena a criança começa a aprender tudo que ela precisa saber para participar plenamente na vida da tribo.

### 2. TODA A COMUNIDADE É RESPONSÁVEL PELA EDUCAÇÃO PERMANENTE DE CADA MEMBRO. EMBORA SEJA COMUNITÁRIA A RESPONSABILIDADE, EXISTEM TAMBÉM FUNÇÕES ESPECÍFICAS EM CADA ETAPA.

Não há uma classe de educadores. Todos de uma etapa sabem o que os da etapa anterior devem saber e ensinam, corrigem, mostram. Assim, por exemplo, as crianças maiores entre os Karipuna ensinam os menores a nadar. As mulheres Xikrin ensinam a pintura corporal às moças que tornam a experimentar com as meninas menores.

### 3. EDUCAÇÃO DE CARÁTER COSMICO-RELIGIOSO, PROCURA-SE POR ETAPAS, NUM RITMO HARMÔNICO DE AMADURECIMENTO INDIVIDUAL E COMUNITÁRIO.

Cada aprendizagem é vista no seu contexto religioso e em relação ao mundo. Por exemplo, entre os Iranxe, Tenetehara e muitos outros as práticas em torno do parto e resguardo baseiam-se no fato que o homem é responsável pela formação da alma e a mulher do corpo da criança. Há toda uma série de dietas devido ao relacionamento estreito com todos os seres do mato. Entre os Karipuna as tarefas do plantio são distribuídos em conformidade a cosmo-visão do grupo. Por exemplo: as moças semeiam mas só as mulheres podem plantar a maniva, por ser elas fecundas.

### 4. A TRANSMISSÃO ORAL E PRÁTICA, OS CONHECIMENTOS PRÁTICOS E CIENTÍFICOS SÃO APOIADOS E EXPLICADOS POR CONCEITOS IDEOLÓGICOS E MÍTICOS.

Tudo se aprende fazendo. Conforme à atividade e à idade, a criança acompanha, observa e começa fazer junto aos outros da família. Por exemplo, ao andar pelo mato para a roça, o pai mostra os bichos do mato, seus esconderijos, sua maneira de agir. As crianças brincam de imitar os sons do mato. São extremamente ágeis e perspicazes. Na roça a criança brinca enquanto os outros arrancam mandioca, mas logo ela começa tentar até que ela faz também. Ao ver os outros ralar a mandioca ao ritmo do canto, ela aprende fazê-lo sem perceber como. O rapaz, quando cresce mais, é levado a caçar ou derrubar mato e assim aprende fazer ele mesmo. A menina é incumbida de fazer uma comida simples e aos poucos aprende

fazer de tudo. Em algumas tribos como os Xikrin, tem um período de educação mais formal e separada da família na casa dos solteiros. Mas o método é o mesmo, aprende-se fazendo.

A noite na roda dos homens ou das mulheres (Xikrin) ou na casa com a família (Karipuna), ou de dia no cabê da farinha, o pai, a mãe, o mais velho conta histórias do jabuti com a onça, da cobra grande na curva do rio, do vento e a anta. Todo mundo gosta das histórias e por elas os valores e ideologia do povo são transmitidos.

#### **5. EDUCAÇÃO PERSONALIZANTE, NUMA SOCIEDADE IGUALITÁRIA (EMBORA COM TAREFAS DIVERSIFICADAS PARA HOMEM E MULHER), EDUCAÇÃO QUE NÃO CRIA CLASSES PORQUE SE FUNDAMENTA NA VALORIZAÇÃO-PARTICIPAÇÃO DE CADA UM.**

Cada um é apreciado por suas qualidades particulares. Os que mostram algo para o outro admiram a capacidade e destreza dos que aprendem rapidamente e tem paciência infinita com os mais vagarosos. Os pais (Karipuna) como também os tios, parentes e amigos falam com carinho e orgulho de cada um explicando aquilo em que ele sobressai. Cada um é valorizado por aquilo que sabe fazer. Numa atividade comunitária cada um recebe uma tarefa conforme sua capacidade.

#### **6. TODO ESSE PROCESSO ESTÁ DENTRO DE UM CLIMA DE LIBERDADE E ALEGRIA: TODA APRENDIZAGEM ACONTECE A PARTIR DA VIDA E PARA A VIDA.**

Corrção nunca é usado para educar, nem se escuta alguém gritar com outro (a não ser onde isso foi aprendido dos brancos). Algum castigo necessário é dado, recebido e executado com alegria pois não ameaça a segurança da aceitação pelo grupo. Ao contrário, é um meio para conservar a coesão e harmonia do grupo.

### **EDUCAÇÃO NA NOSSA SOCIEDADE**

Tendo analisado os constantes na educação indígena, olhamos alguns aspectos da educação em nossa própria sociedade. Como veículos de educação consideramos a família, escola, igreja, leis, política, revistas, cinema, televisão e propaganda. Esta educação tem a tendência de:

- 1. SER AUTORITÁRIA-IMPOSTA DE CIMA:** pais-filhos, professor-aluno, instituição-pessoas.
- 2. DESPREZAR VALORES POPULARES:** faz folclore barateia o que é do povo ou profissionaliza e.g. futebol.
- 3. SER FRAGMENTÁRIA:** as múltiplas especializações que perde o global
- 4. SER TEÓRICA:** aprende pelo dizer, ler, não fazer.
- 5. GERAR DUPLICIDADE:** Pode-se fazer o errado desde que seja escondido

## 6. REALIZAR-SE NUM CLIMA DE COMPETIÇÃO, PRIVILÉGIOS, DESIGUALDADES: notas de escola, salários, promoções etc.

Duas sociedades, duas educações tão diferentes. Mas educação tem a mesma finalidade em todas as sociedades como Carlos Brandão espessa bem:

“A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem a praticam, para que elas reproduzam, entre todos que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar todos os dias, a vida do grupo e de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita , e desde onde ajuda a explicar-às vezes a ocultar, às vezes a inculcar de geração em geração; a necessidade da existência de sua ordem.”

(O Que É Educação - Carlos Rodrigues Brandão)

Então para melhor entender as duas educações é necessário uma análise das duas sociedades para depois procurar nossa alternativa, uma Educação Libertadora.

## CAPÍTULO SEGUNDO

O INEVITÁVEL CONFLITO  
QUE RESULTA EM DOMINAÇÃO

Ao comparar umas características da sociedade ou cultura indígena com as da sociedade nacional é óbvio que o conflito é inevitável. As duas tem maneiras bem diferentes de relacionar-se com Deus, os homens e o mundo.

### SOCIEDADE INDÍGENA

### SOCIEDADE NACIONAL

- | SOCIEDADE INDÍGENA  | SOCIEDADE NACIONAL   |
|---|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Organizada em categorias sociais (iguais mas diferentes: viúvas, jovens, solteiros)</li> <li>2. Economia de subsistência</li> <li>3. Posse coletiva (terra, gado, transporte).</li> <li>4. Independente (fabrica o que necessita).</li> <li>5. Trabalho Comunitário - mutirão</li> <li>6. Radicalmente comunitário (bem estar comum toma precedência sobre o indivíduo)</li> <li>7. Pessoas assumidas (órfãos, viúvas, velhos.)</li> <li>8. Colaboração, ajuda mútua (quem sabe pode mais ajuda os outros para crescer juntos).</li> <li>9. Lazer Comunitário (criatividade em brincas juntos).</li> <li>10. Autoridade: servicial e participada: (Tuxaua age em conjunto com conselho, muitas reuniões comunitárias; tem mais tarefas, serviço gratuito).</li> <li>11. Atitudes igualitárias: (todos respeitados).</li> <li>12. Permeada pelo sagrado (o divino, transcendental é um constante em todos aspectos).</li> <li>13. Interligação dos aspectos da vida (o sagrado, o lazer, o trabalho, o ensinar, e aprender se fundem numa harmoniosa integração).</li> </ol> | <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Organizada em classes: (de cima para baixo).</li> <li>2. Economia de mercado e acumulação</li> <li>3. Propriedade privada e em conflito.</li> <li>4. Dependente ao mercantilismo</li> <li>5. Mão-de-obra vendida.</li> <li>6. Inclinado ao individualismo (cada um por si para sobreviver).</li> <li>7. Pessoas abandonadas.</li> <li>8. Competição (cada um pisa no outro para subir ou "vencer").</li> <li>9. Lazer Comércio: - pagar para outros fazer meu divertimento</li> <li>10. Autoridade imposta e privilegiada: (autoridades com salários altos, mordomias autoritários).</li> <li>11. Atitudes autoritárias: mais respeito para quem tem mais poder, estudo...</li> <li>12. Secularidade (o divino tem sua horinha desligada do resto da vida).</li> <li>13. Separação-recorte dos aspectos da vida - (a vida está divina em compartimentos sem relacionamento um com outro).</li> </ol> |



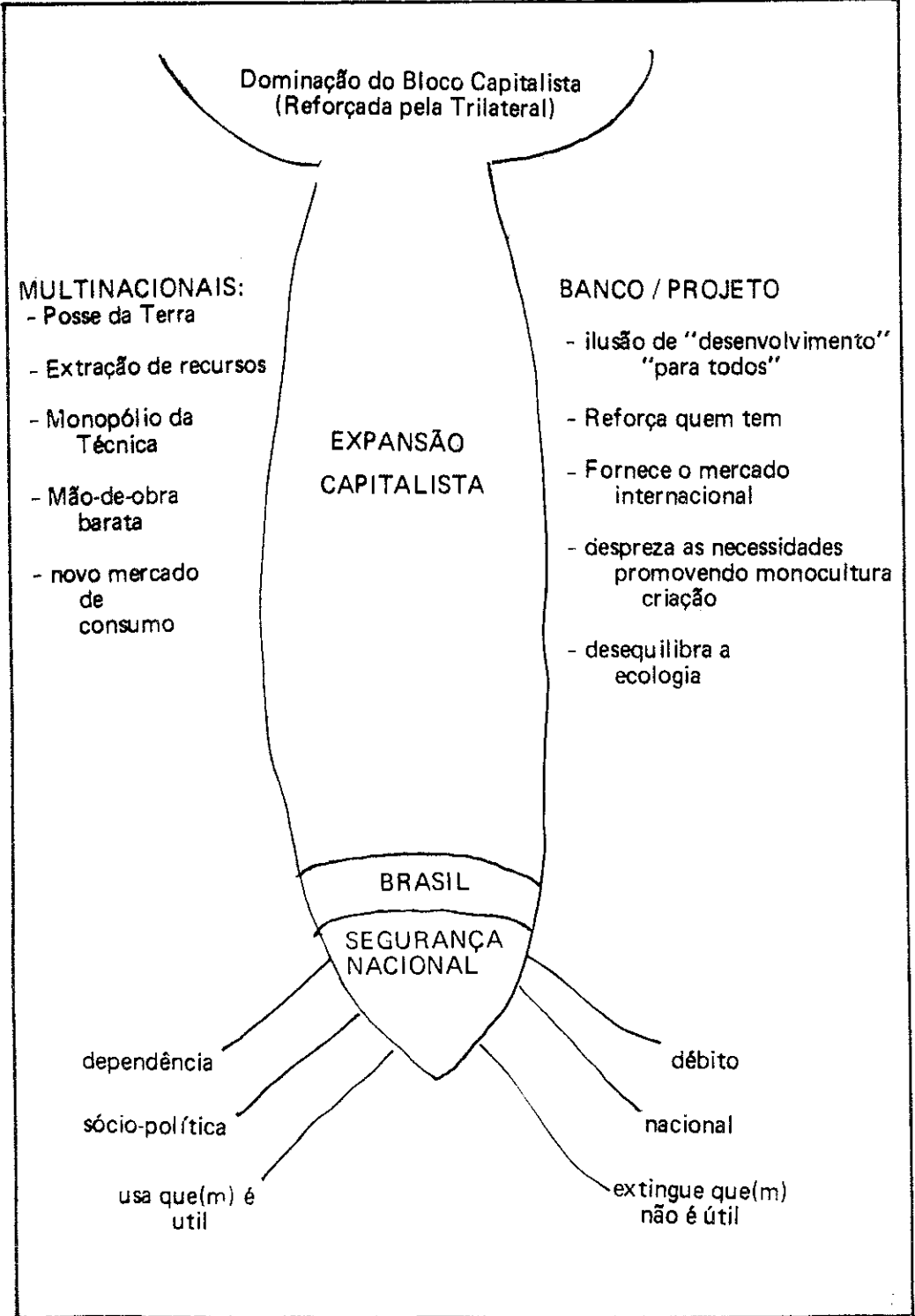
A sociedade nacional por seu próprio sistema econômico e consequente organização, tem necessidade de abrir novas frentes. Ela vê a sociedade indígena como um entrave nos seus projetos ou um perigo porque propõe um sistema alternativo, antagônico ao sistema capitalista. Portanto, ela procura destruir de todo jeito esta sociedade indígena, com todo tipo de agressões. Estas agressões são em grande parte organizadas e disfarçadas na política indigenista oficial que deve ser analisada com muito cuidado.

A Sociedade Indígena sofre graves consequências deste conflito. Por exemplo:

- A perda, diminuição, invasão da terra
- Mudança de Mentalidade:
  - \* Trabalho privilegiados-empregos de fora com salário
  - \* Superioridade do produto da sociedade nacional (panela de alumínio sobre barro)
  - \* Enfraquecimento do sistema de crença-religião e medicina. A nova medicina desclassifica o pagé e o conjunto de crenças que ele representa.
  - \* Equivalência na troca - (em vez de trocar pela necessidade) pelo dinheiro ou valor medido em dinheiro.
  - \* Perda de gratuidade de serviço - (só trabalha por pagamento, não frequenta mutirão).

A escola é um instrumento das duas sociedades, desde o contato entre elas. Para a sociedade indígena é uma exigência deste contato em vista de adquirir as técnicas necessárias para se defender e atuar na nova situação. A sociedade nacional olha a escola em relação ao povo índio como um meio de interar ou assimilar a sociedade indígena na sociedade nacional. Portanto ensina só em português, nega as muitas habilidades que o índio já tem, exigindo outras desconhecidas. O professor serve de agente acelerador da mudança.

O desenho que segue é uma maneira gráfica de mostrar o conflito entre as duas sociedades ao mesmo tempo indicando algumas forças externas que influenciam este processo:



SOCIEDADE INDÍGENA

X

SOCIEDADE NACIONAL

Economia de subsistência  
Posse coletiva dos meios de produção

economia-mercado  
poucas pessoas são donas dos meios de produção

Maneira diferente do relacionamento:  
pessoas com pessoas  
pessoas com Deus  
pessoas com o Mundo

CONFLITO

expansão  
perigo de alternativas

|  |   |                              |
|--|---|------------------------------|
| coletivismo  | X | individualismo               |
| comunitarismo                                      | X | capitalismo                  |
| bem estar coletivo                                 | X | acumulação individual        |
| perda de terra-fome e de subsistência e identidade | X | mercadoria de compra e venda |

CONSEQUÊNCIAS

- trabalhos privilegiados
- quebra e/ou enfraquecimento no sistema de crença
- superioridade dada aos produtos nacionais
- perda de gratuidade de serviço
- equivalência na troca

ESCOLA

- comunidade - exigência do contato
- soc. nac. - meio de integração:

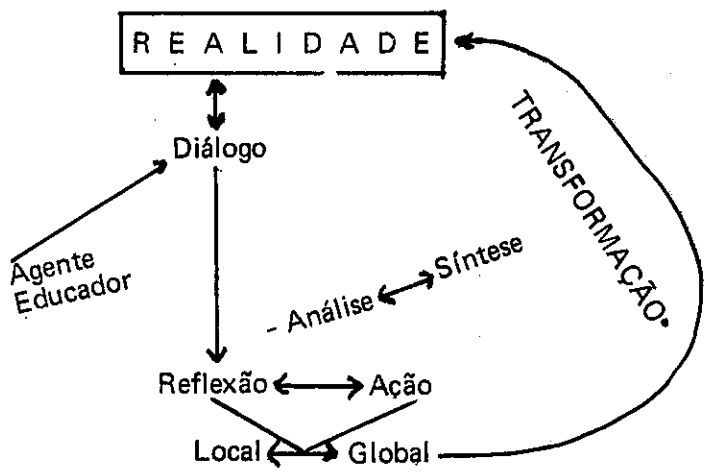
- \* língua
- \* habilidades (nega-exige)
- \* notas (competição)
- \* professor (a)
- \* acelerador(a) da mudança

CAPÍTULO  
TERCEIRO

A EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Passamos a analisar e avaliar nossa atuação nas comunidades indígenas frente a situação conflitiva em que se encontram. Daí chegamos a esta descrição do que nós mesmos entendemos como EDUCAÇÃO LIBERTADORA.

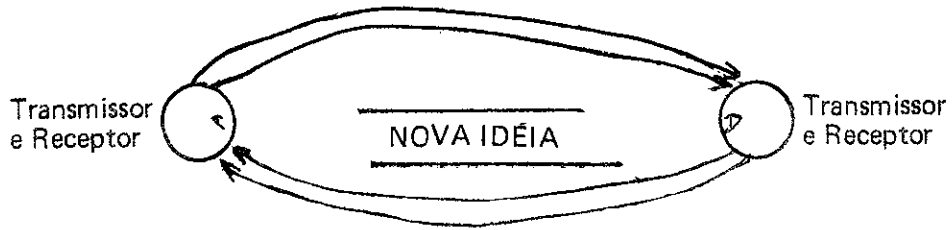
PROCESSO CRÍTICO-REFLEXO CONSCIENTEMENTE ASSUMIDO A NÍVEL PESSOAL E COMUNITÁRIO, ATRAVÉS DO RELACIONAMENTO E DIÁLOGO, EM VISTA DE UMA CONTINUA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE, EM CONTEXTO POLÍTICO-GLOBAL.



É um processo pois é algo contínuo com vários aspectos que se influenciam mutuamente. O central é a realidade pois procuramos transformá-la, mas isso só é possível a partir dela. Precisamos partir dela como ela é, se pretendemos modificá-la. Então a realidade atual é o ponto de partida do nosso processo e a realidade nova, transformada é o ponto de chegada. Mas a realidade é dinâmica, não estática, e portanto estamos num processo contínuo. O agente educador, no caso, o missionário, vive num constante diálogo-interação com a realidade e o povo indígena. Este diálogo leva a uma reflexão que considera o local e o global e o impacto de um sobre o outro. É uma reflexão que é análise e síntese e análise ainda. Sempre leva a uma ação. Esta ação por sua vez tem os aspectos locais e globais e sempre contribui à transformação da realidade que agora deve ser refletida novamente pois mudou-se. E desta reflexão sairá outra ação. É um processo sem fim

## Condição indispensável do processo educativo é o DIÁLOGO

Diálogo é uma troca entre duas partes iguais. De uma parte sai uma idéia. A outra parte recebe, assimila e devolve-a ou igual ou modificada, acrescentando mais alguma idéia. A primeira parte recebe esta nova mensagem e devolve-a com modificações e/ou acréscimos. O processo prossegue até os dois concordarem com uma nova idéia (ou visão - ou ação) que já é além da idéia de qualquer um dos dois.



No diálogo não tem um que dá idéias, uma fonte com outra que recebe, receptor. São iguais. Todos dois tem de dar. Todos dois tem de receber. Todos dois tem de respeitar, amar, ser sinceros, honestos, fraternos, desapegados. Se um dos dois se apega à sua própria idéia, não nasce a nova idéia e não há crescimento. Portanto o agente educador não é só um educador, é um educando ao mesmo tempo. Ele não leva um recado para dar. Ele vai na atitude de quem vai aprender e descobrir algo junto com o povo com quem ele vive.

Algumas funções deste agente são:

- promover a valorização pessoal e coletiva do povo em vista de sua autodeterminação, auto-confiança e inter-relacionamento com outros povos.
- facilitar a problematização da realidade em termos políticos.
- provocar a problematização da realidade em termos políticos.

Algumas de suas qualidades:

- identificação o mais possível com o grupo mantendo viva a consciência de sua diferença.
- capacidade de captar e devolver a percepção que o grupo tem da realidade em vista análise crítica.
- atitude de respeito, nunca paternalismo
- preparação científica para evitar improvisações
- despojamento de si, de sua cultura, de seu ponto de vista.
- atitude de servir, suscitar, apoiar, aprender, não encher cabeças vazias.
- amor pelo povo índio e fé na sua causa.
- paciência histórica, evitar intervenção precipitada, respeitar o ritmo da caminhada.

- intenção de descobrir o instrumental próprio do povo em seu sistema de análise da realidade, categorias mentais, conceituação de bem e mal, útil e inútil, modos de expressar os sentimentos e pensamentos, sistema de punição e valorização, modos de se relacionar dentro da cultura, parentesco.

Esta educação libertadora pode realizar em várias FORMAS:

- Escola Alternativa: a escola a nível se formal mas com objetivos diferentes da escola tradicional, e por isso com conteúdos e metodologia conscientizadoras e libertadoras. É uma escola de índios para índios onde estão presentes os aspectos da vida deles e os conhecimentos do branco para fazer uma análise e crítica e fazer escolhas conscientes. É um mutirão de aprendizagem onde cada um ensina o que melhor sabe e todos criam juntos um novo saber.

Alternativa à Escola: tentativa de outras formas de educação que não caem dentro do sistema escolar, mesmo se são iniciativas formais, por exemplo: Assembléias, Cooperativas, Projetos de Saúde, Visitas inter-tribais, Reuniões e encontros.

E em várias MANEIRAS:

- tentando sempre revalorizar as tradições através dos mais velhos.  
- procurando devolver ao povo a percepção dele sobre a realidade.  
- introduzindo em toda iniciativa e em toda reflexão uma análise dos aspectos políticos.

- elaborando um material adequado e transformando o uso desse material em momentos privilegiados da educação, quer dizer, fazendo disso um verdadeiro "circulo de cultura".

Exemplos: Ocasão de reunião em vista de escrever a história do povo. Sessão de passar slides de outra tribos. Uso de textos feitos por eles mesmos. Leitura de jornal da tribo num enfoque mais politizado.

- fazer uma espécie de cursinho de conscientização para os professores ou monitores indígenas que já estão atuando nas escolas, e treinar monitores num enfoque conscientizador.

- começar logo que possível a alfabetização na lingua, treinando também pessoal para uma metodologia e uso de conteúdos de carácter político e não amorfo.

Cada missionário, cada pessoa que pretende fazer intervenção numa sociedade indígena deve fazê-lo dentro de princípios pedagógicos. Este trabalho deve atingir toda a comunidade mas dando ênfase à preparação de adultos e jovens que possam atingir os outros.

Um trabalho bem feito exige do missionário:

1. Conhecimento e visão crítica da realidade nacional e indígena (genérica e específica), Leituras e estudos em antropologia, política, história, geografia, linguística, indigenismo.

2. Convivência e observação nas aldeias:

- Aprendizagem da lingua (cf. anexo)

- Valorização e encarnação na cultura indígena.
- 3. Conhecimento das linhas de pastoral do CIMI
  - Participação nas assembleias, cursos, encontros.
  - Comunicação e visitas entre missionários.
- 4. Avaliação constante da caminhada junto com os índios e os companheiros.
- 5. Saúde boa.
- 6. Maturidade emocional e psicológica.



CAPÍTULO  
QUARTO

UMA CAMINHADA

Em cada intervenção missionária procuremos ser fiéis aos princípios pedagógicos que estudamos e assumimos. Portanto estaremos:

- estudando as línguas que nosso povos fala.
- promovendo assembléias e visitas entre as tribos.
- preparando áudio-visuais para nossos povos.
- aprontando e utilizando o MENSAGEIRO como instrumento de contato inter-tribal e conscientização.

- incentivando atividades comunitárias: construção de casa, igreja, enfermaria, escola, cooperativa, catalogação e valorização dos remédios no mato.

- promovendo escolas indígenas, tanto na língua como em português. Em todos estes trabalhos encontramos alguns obstáculos \*\*, conseguimos alguma coisa. A seguir vamos descrever o processo e o andamento do último ponto apenas as escolas indígenas.

---

\*\* Os obstáculos: Em 1979 as dificuldades mais sentidas pelo grupo foram as seguintes: - ser itinerante, - ser considerado elemento estranho, ter pouco tempo de contato, não falar e entender bem a língua, divergências básicas dentro da equipe, e improvisação no trabalho.

Um das destas dificuldades já foram superadas. Com outras pelejamos ainda, Tem aparecido novas dificuldades.

---

## MOTIVAÇÃO:

Nós fomos motivados a entrar no campo de educação formal-escolar pelo seguinte:

1. Os índios o querem. O contato tornou este tipo de educação uma necessidade. É muito desejado pelos índios que o vêem ora como um instrumento de auto-defesa, ora como maneira de imitar os brancos.

2. A escola, no passado, sempre imposta de fora tem exercido uma influência tremenda. (Observamos na aldeia Karipuna que houve mais mudança nos 30 anos desde a escola começou que nos 300 anos de contato anterior). A influência da escola tem levado a um desprezo da cultura. Nos queremos utilizar esta mesma influência para uma valorização da cultura.

3. A tradição oral está sendo perdida substituída pela escrita que existe só em português. Todo o processo de desenvolver uma forma escrita da língua serve para uma recuperação da história e cultura.

4. Tem precedentes: a Escola de Liberdade da Nação Mohawk na América do Norte é uma escola autenticamente indígena e muito nos inspirou, como também os programas de educação em Guiné-Bissau, Chile e Nicarágua.

5. Já tínhamos atividade escolar na Missão Cururu.

## OBJETIVOS:

1. Transformar a atividade escolar na Missão Cururu num instrumento de Educação Libertadora.

2. Promover um trabalho de escolas indígenas entre os Índios Karipuna e os Surui.

Começamos com os Munduruku porque já existia um programa em andamento com material linguístico já preparado.

Escolhemos os Karipunas para outra experiência por:

- ter uma língua mais fácil.
- ser motivados já para a experiência devido à pesquisa prévia.
- ser mais independentes em termos de influências externas.

A escolha dos Surui devido à — história deles.

- o impacto do Projeto Carajás sobre eles.
- a sua língua dar acesso aos Parakanã.

## PASSOS CONCRETOS:

### MISSÃO CURURU

1. Em 1980 as Irmãs Conceição e Anunciata da Missão convocaram um encontro dos monitores professores Munduruku, com acessoria da Irmã Bárbara English do Maranhão.. Todo o pessoal da Missão colaborou e deste encontro saíram cartilhas em Munduruku e português, livros de leitura e matemática baseados na realidade Munduruku Foi um passo importante. Além do material produzido, houve a reflexão tão importante sobre a educação indígena.

Foi o começo de uma transformação.

2. Mas o processo estancou pois a irmã Conceição foi transferida e a Anunciata não conseguiu levar o processo em frente sozinha. A FAB boicotou a ida do pessoal do CIMI que poderia ter ajudado. Tudo ficou assim até 1982.

3. Em 1982 a Irmã Rebeca foi a Missão visitando várias escolas ao longo do rio Cururu e se encontrando com outros professores e monitores junto com a irmã Anunciata. Os muitos livros em Munduruku preparados pelo SIL (Summer Institute of Linguistics) como também os vários livros preparados no encontro de 1980, foram redescobertas, nova animação começando com uma série de artigos em Muduruku para o MENSAGEIRO e muitas promessas de levar em frente o processo.

As principais dificuldades:

- a irmã não sabe a língua e fica difícil orientar os professores.
- os mesmos tem pouca preparação para sua tarefa
- há uma certa resistência de aprender a escrita na própria língua.

Os índios sabem que precisam aprender o português e consideram a aprendizagem do Munduruku perda de tempo.

- não querem utilizar o material elaborado por eles mesmo pois o que vem do estado é "maior e mais bonito" (colorido).

4. Este processo também estancou pois a irmã Anunciata foi transferida. Em 1983 a irmã Emíliana frequentou o curso de lingüística antes de voltar à Missão para cuidar do setor escolar. Ela está aprendendo a língua e com certeza este projeto irá para frente. Ainda as dificuldades continuam incluindo a de transporte para dar assistência a tantas aldeias.

#### KARIPUNA

1979 - Antes de tudo em várias visitas e conversas a comunidade de Espírito Santo resolveu que queria aprender a escrita de sua língua e ter sua própria escola, na sua língua.

As outras aldeias Karipuna não queriam pois como os Munduruku acharam o português suficiente.

1980 - Um período de estudo intensivo na língua.

Em 1981 o processo acelerou-se em duas frentes: Lekól Kheuol - a escola indígena na língua indígena e Escola Karipuna - a escola em português mas indígena nos seus objetivos e métodos.

## LEKÓL KHEUOL

1981

Um grupo de 10 Karipuna já alfabetizados em português estudaram juntos com a irmã Rebeca e escolheram uma ortografia para sua língua.

Em setembro saiu a primeira cartilha elaborada por este grupo - No Lang (Nossa Língua).

Seguiu-se uma série de cursos administrados por ir. Rebeca utilizando esta cartilha com vários grupos de pessoas já alfabetizados em português: moças, rapazes, senhoras e casais.

Ao mesmo tempo começou a traduzir cânticos e orações na língua. Os jovens pediam aos velhos contar as antigas histórias e as escreviam. Nas casas em que alguém já tinha aprendido a escrita e leitura na sua língua se ensinava os outros. Foi um período de intensa atividade. Os receios desapareceram e no seu lugar surgiu um certo orgulho de ser Karipuna, ter a nossa língua, nossa escola, nossa história, nosso culto. Até que um pouco se adotou a atitude de ser "nos" os verdadeiros Karipuna, pois os das outras aldeias estavam perdendo a língua e abandonando os costumes.

## ESCOLA KARIPUNA

1981

No mês de abril as comunidades do Curípi foram avisadas que não teria escola naquele ano pois nem FUNAI e nem o governo do Território tinha professores disponíveis. A comunidade de Espito Santo Apelou ao CIMI QUE PRO - METEU TENTAR ACHAR ALGUÉM QUE TRABALHARIA JUNTO COM A COMUNIDADE PARA FAZER da escola brasileira também uma "nossa" escola uma escola Karipuna. As outras comunidades do Curípi não queriam, pois tinham medo de desagradar a FUNAI que estava numa política contra o CIMI.

Em junho os voluntários Wilson e Isaías começaram dar aula em horário dobrado conseguindo assim completar o ano letivo em dezembro do mesmo ano.

Foi um arranjo de emergência e sentimos muito enviar os dois com pouca preparação. Porém apesar disso a escola fez grande sucesso pois os 2 não falhavam nas aulas. Só agiram de acordo com o tuxaua e a comunidade, apresentavam as matérias do ponto de vista indígena, valorizando muito a cultura Karipuna. Se adaptaram bem a vida Karipuna, inclusive aprendendo um pouco da língua. No final do ano houve uma exposição na Escola de objetos de arte, utilidades e ornamentação feitos por crianças, jovens e adultos de Espírito Santo e Santa Isabel.

A boa notícia desta escola espalhou-se por toda a região.

## 1982: ESPIRITO SANTO

No final de 1982 a comunidade de Espirito Santo resolveu ter aula de alfabetização na língua para as crianças. Escolheram 4 professores: Gil, Adriano, Fernando, e Genésio. Fizeram treinamento e prepararam um livro de pre-alfabetização. Mas quem ficou mesmo com a aula foram Fernando e Genésio. Eles iniciaram aula em fevereiro 1982. Ajeitaram a casa da Rebeca numa escola de 2 salas. Pegaram todas as crianças de 5 anos a mais que ainda não tinha estudado. Os 2 mostraram-se excelentes professores com grande capacidade criativa. As crianças avançaram rapidamente ao contento de toda a comunidade.

### 1982 MANGA

O orgulho étnico da aldeia Espirito Santo estava contagiando todo o Rio Curipi. Os jovens e as senhoras de Manga estavam pedindo aulas. Foi resolvido depois da bléia inter-tribal em janeiro de 1982 quando o tuxaua e conselheiros viram os outros Karipuna lendo, cantando e rezando na língua. Logo apresentaram 2 professores, Zildo e Cipriano. Estes, após um treinamento começaram 2 tipos de aula: 1) pre-alfabetização com as crianças falantes de Kheuol, 2) leitura e escrita de Kheuol para jovens já alfabetizados em português mas não falam Kheuol.

### KUMARUMÃ

Os Galibi de Kumarumã também pediram professores. Foram lá em fevereiro 3 rapazes mineiros. Um saiu dentro de um mes. Os dois embora com curso superior não tinham experiência no ensino. Porém ensinaram bem e a comunidade ficou bem satisfeita com atuação dele

## 1982 ESPIRITO SANTO

Devido a boa experiência do ano anterior Espirito Santo insistiu em ter professores do CIMI novamente. A diocese do Isaias, Goias Velho, tinha se interessado muito rante a experiência dele. não podendo Isaias voltar a comunidade de Itupuranga arrumou um casal (Sebastião e Perpetua) de professores que ofereceram sua licença prêmio para os Karipuna de Espirito Santo. Levaram consigo seus 2 filhos e a professora Maria da Conceição Teixeira. A escola continuava sempre melhorando. Foi um privilégio para Espirito Santo ter 3 professoras e no mes de março mandaram a Maria para o Manga. Sebastião e Perpetua saíram em julho devido aos compromissos em Goias. Isaias voltou para terminar o ano letivo sem a comunidade sentir demais a mudança. A Raimundinha acompanhou aquele semestre também. No final do ano o encerramento das 2 escolas (Lekol Kheuol e Escola Karipuna) foi feito em conjunto e foi grande festa para toda a comunidade.

### MANGA

A Maria foi ao Manga sozinha assumindo a 1a. e 2a. série. A FUNAI mandou uma professora no meio do ano e o governo mais uma. Este último saiu sem completar um mes a comunidade do Manga se alegrou muito com o trabalho da Maria e assumiu mais responsabilidade com a escola.

### KUMARUMÃ

O Tuxaua e conselheiros de Kumarumã também apresentaram duas professoras. Claudete e Ivanilda que iniciaram aulas de pre-alfabetização para crianças.

## AS DIFICULDADES

1. Pouco tempo para preparação e acompanhamento dos professores, tanto os indígenas como os de fora, especialmente em termos de método e conteúdo.

2. Falta de material didático e curriculum adequados. É tudo por criar.

3. Falta de material escolar básico e merenda.

4. Falta de apoio moral e remuneração para os professores indígenas.

5. Adaptação para os de fora em termos de clima, comida, moradia, ritmo de vida, distância dos familiares, preocupação com saúde.

6. Adaptação mútua entre os de fora e a comunidade em termos de língua e relações sociais e familiares.

7. Mudança frequente dos professores de fora.

8. Uma certa apatia e não assumir por parte da comunidade. Uma vez tendo os professores a comunidade deixou a escola por conta: Não preocupou com a moradia dos professores, não os defendeu frente atitudes agressivas da FUNAI e governo do território. Depois de um início promissor, as escolas foram consideradas como as anteriores: "coisa de vocês".

Os professores indígenas sentiram a mesma coisa: um certo abandono por parte da comunidade. Eles ensinavam de graça esperando ao menos o apoio moral da comunidade que não receberam. No caso de Kumarumã o povo nem respeitar o ano letivo escolhido por eles mesmos, levando os filhos para o alto antes do fim das aulas.

## AVALIAÇÃO E NOVAS MEDIDAS

Estes fatores foram todos considerados em várias reuniões com as comunidades. Também houve muitos diálogos com a secretária de educação do governo e o setor de educação da FUNAI. Conclusão; nem FUNAI nem o governo se acharam em condições de garantir algo para as comunidades. O CIMI prometeu colaborar só se as escolas fossem assumidas mesmo pela comunidade pois nunca era nossa intenção fazer escolas de CIMI, e sim colaborar nas escolas indígenas. Este assumir incluía:

1. Assumir a direção e responsabilidade pela escola e os professores diante de todas as entidades.

2. Participar ativamente na elaboração do curriculum e administração das aulas.

3. Valorizar e estimular os professores indígenas.

4. Zelar dos prédios escolares e moradia dos professores de fora.

5. Estimular os filhos no estudo não deixando-os faltar na aula.

Todos concordaram que o compromisso dos de fora tinha de ser por mais tempo.

1983: As coisas melhoraram sensivelmente.

LEKÖL KHEUÖL: Todas as comunidades fizeram esta escola obrigatória antes de entrar na outra. No Manga construíram em mutirão uma

bela escola. Em Espírito Santo onde já tinha escola, fizeram bancos novos e prateleiras e quadros. So Kumarumã ficou ainda sem bancos. As três comunidades mandaram um total de 10 professores para um treinamento intensivo durante o qual os jovens nos impressionaram com sua dedicação. Nas suas comunidades estão sendo uma força conscientizadora. Nós arrumamos uma verba para propocionar uma pequena gratificação mensal. As comunidades e tuxauas estão valorizando-os muito. Os alunos estão progredindo bem.

**ESCOLAS KARIPUNA:** Em Kumarumã não deu para o CIMI enviar professores. A comunidade ainda não assumiu a escola. Portanto não tem uma ESCOLA GALIBI. Mas a Escola Karipuna de Espírito Santo vai bem melhor e a professora Francisca está bem alojada numa bela casa feita em mutirão pela comunidade. No Manga, a comunidade reformou por completo o prédio escolar antigo que foi constituído pela comunidade em colaboração com o governo. Fizeram nela moradia para as professoras e duas salas de aula. Todo trabalho das duas escolas foi feito em mutirão. Os homens e rapazes buscando madeira e palha e fazendo a construção, meninos e meninas capinando o local e limpando a escola no fim. Moças e senhoras fazendo artesanato para vender para comprar pregos, dobradiças e fechaduras. Agora é uma escola Karipuna.

As decisões são tomadas em comunidade. Quando a professora da FUNAI apareceu já após o início das aulas, a comunidade dispensou.

Os órgãos competentes continuam desarticulados. Material ainda falta. O pessoal de fora ainda tem seus problemas de saúde e adaptação. Mas a comunidade está retomando a educação em suas próprias mãos pouco à pouco.



## A N E X O S

## IMPORTÂNCIA E FUNÇÕES DA LÍNGUA NA EDUCAÇÃO

(Consuelo Alfaro)

\* Língua é uma organização de sons com sistema complexo, que difere de língua para língua. Cada língua possui seu sistema de organização própria.

Podemos distinguir duas áreas:

a) Área da sintaxe ou combinação dos elementos gramaticais;

b) Área da semântica, vinculada diretamente à cultura.

A representação escrita é secundária. Há culturas em que a transmissão é fundamentalmente oral

É falso dizer que um povo ou uma língua não tem gramática. Pode simplesmente não ter a explicitação gramatical.

\* O valor de uma língua costuma ser atribuído ao lugar social que o falante ocupa. O português, por exemplo, que no Brasil é tida como língua superior às línguas indígenas, nos EUA é língua dominada, inferior, língua dos portugueses assalariados.

\* A língua tem diversas funções:

- de comunicação

- de identificação

- de transmissão de conhecimentos.

A identificação vai sendo minada pela dominação do povo superior, ou da língua superior, daí certos povos terem vergonha de sua língua.

A transmissão de conhecimentos é essencialmente uma transmissão da cosmovisão própria de um povo.

Processo de conhecimento é simbolização. A língua é uma forma pela qual caracterizamos o mundo.

\* Aos 4 anos, uma criança fala sua língua sem ter tido nenhuma aprendizagem metodológica. A mãe tem um papel básico.

De 4 a 6 anos pode haver recesso e até mesmo regressão.

De 8 a 12 anos, há um segundo reflexo, embora menor que de 4 a 6 anos.

De 12 em diante, o indivíduo já se tornou adulto em termos de fixação da língua.

Qualquer aprendizagem de uma segunda língua é sempre marcada pela experiência primeira. A aprendizagem de uma língua não é apenas mecânica, mas supõe toda uma função afetiva e social que interfere e decorre da aprendizagem. Por isso, dizemos que em confronto com as línguas nativas (maternas), a aprendizagem da língua nacional tem toda uma função de dominar e esmagar. A partir dessa segunda língua, a escola torna-se um fator de perda de confiança em si e nos valores do próprio povo.

\* A Escola Libertadora tem que assumir a realidade linguística do grupo e só ensinar português a pedido deles, ministrando o ensino do português e não ensino em português.

Na comunidade nacional distinguimos a língua da comunicação,  
 a língua literária  
 a língua técnica  
 a língua científica  
 Na comunidade indígena, distinguimos:  
 língua coloquial  
 língua técnica  
 língua científico-mitológica.

**ALFABETIZAÇÃO:**

O processo de alfabetização supõe que a língua já tenha uma história escrita, ou seja, um alfabeto. Quer dizer: que a história da língua já esteja inserida numa tradição escrita.

Trata-se da passagem da memória oral para a memória escrita. Quando esse passo ainda não existe, o alfabetizador está sendo tipicamente um agente transformador de um aspecto cultural dos mais fundamentais.

Nesse caso a memória oral vai sendo quebrada e não pode competir com a língua dominante. Mas escrita é uma preservação. Desde que um povo entra em contato, torna-se necessária a linguagem escrita.

**IMPORTÂNCIA E FUNÇÃO DA LÍNGUA NA EDUCAÇÃO (cont.)**

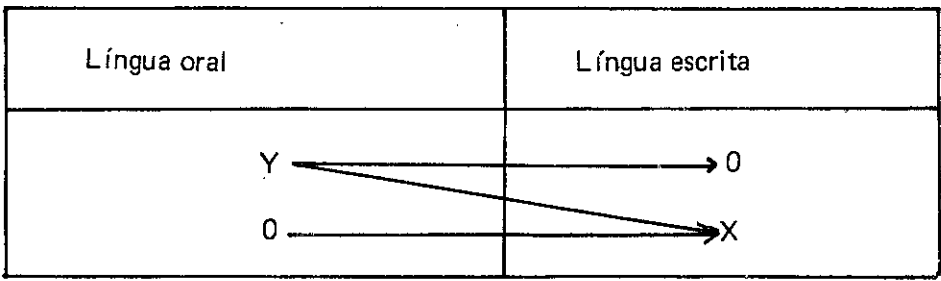
Para o índio, o falar português significa entrar numa outra órbita: a órbita do rádio, das publicações, da escola, etc...

Na língua materna, o processo escrito é derivado diretamente da língua oral. Há situações diversas em termos de escolha da língua da alfabetização. Duas soluções podem ser válidas, dependendo das circunstâncias:

- y - L. Indígena
- x - L. Nacional

|    | Língua oral | Língua escrita |
|----|-------------|----------------|
| 1) | Y           | → 0            |
| 2) | X<br>oral   | → X°           |
|    | Y           | → Y            |
|    | X<br>oral   | → X            |

Este segundo caso é o ideal: começar pela alfabetização na língua indígena, passar para a aprendizagem do português oral e então passar para a escrita do português, o que não supõe mais uma alfabetização) É um ideal, mas sempre dependendo da política que está por baixo. Levar também em consideração que toda comunidade fica envolvida nesse processo da passagem da memória oral para a memória escrita. O primeiro caso às vezes é inevitável, por falta de condições e, em certas circunstâncias pode ser bastante válido também.



Incorreria no erro de se fazer a alfabetização de uma língua ainda não falada.

\* **ALFABETO**: o alfabeto de uma língua indígena deve ser estabelecido a partir de critérios técnicos e científicos. Mas, infelizmente, está sempre condicionado pela língua nacional.

\* **MATERIAL ESCOLAR e METODOLOGIA**: deverão levar em conta, entre outras coisas:

- treino para músculo fino
- exercício motor da esquerda para a direita
- tipo de discriminação visual.

\* **PLANEJAMENTO**: o planejamento exige: conhecimento e estudo da língua ————— científico } fonologia  
 ————— prático } gramática  
 } dicionário

- alfabeto estabelecido
- treino de pessoal
- elaboração de material, dentro dos critérios de
  - . valorização da cultura
  - . revalorização da língua
  - . posicionamento frente ao contato.